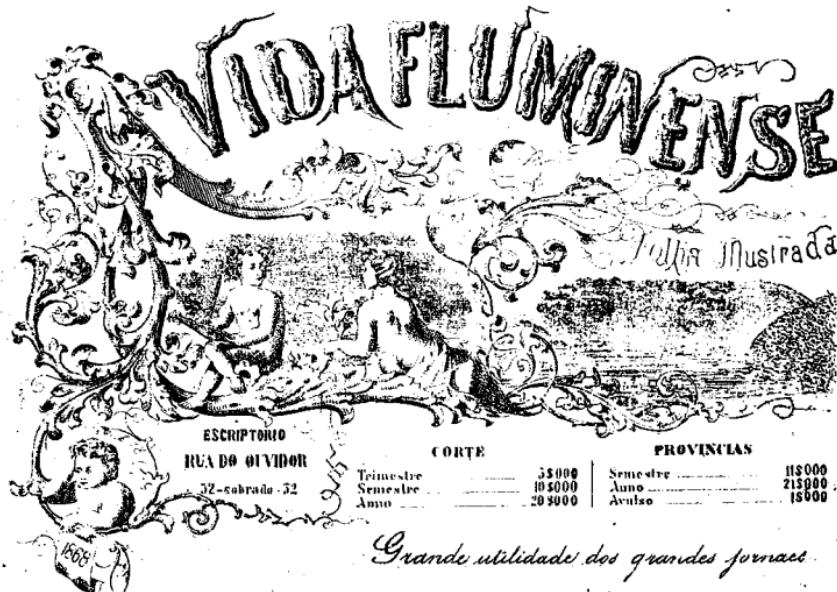


ANNO 5

SABADO 20 DE JANEIRO DE 1872

N. 213



Grande utilidade dos grandes jornais



"Há tres dias que corro abraço do meu devedor sem poder fôr lhe o otlo. em casa. Dizem-me que vêm todos os dias a este café... e embreando... Oh! asplendorosas dimensões do Journal de commerce, eu vos abençôo!"

"O tratante do 'Journal' meu filho sabou-se do caso, e não ha embreando... Procuro-o nos cafés, em todas as 'sociedades'... Oh! ontem tâmaras do 'Correio do Brasil', se não foras tu..."

AOS SRS. ASSIGVANTES

Começámos n'esta semana a distribuir a nossa folhinha para 1872.

Como, porém, a tiragem é mossa, não é possível que todos os Srs. assignantes a reclamem ao mesmo tempo.

Esperamos, entretanto, que até quarta-feira a distribuição esteja concluída.

A VIDA FLUMINENSE.

Rio, 20 de Janeiro de 1872.

A' unha!

A' unha sem receio!

Assim!... Mais!... Ainda mais!

Não saíão da arena senão depois de bem dilacerados matua e reciprocamente.

Faço como ss duas cobras de que falla a tradição: devorem-se sem piedade, devorem-se completamente.

E' destarte que me encaram as polemicas quando são terríveis, descabelladas, como essa que anda agora na berra e em que são paladinos:

A Republica e a Reforma, de um lado, por parte da opinião publica, e o Limpia Trilhos do outro, por parte da directoria da Desastrada estradade ferro D. Pedro II.

Na tal polemica saíte cinza, para servir-me da guia tão pitoresca dos capadocios de esquina.

Os dous órgãos da oposição dão de rijo na desmoralizada direcção do Sr. Marianno, [note-se bem que o objectivo *desmoralizado* é d'elles e não meu], que não trepidam em declarar esbanjador, incepto filhote impudico do governo, monopolista mór do Imperio, homem perigoso, commensal do thesouro.... e.... e.... e.... que sei eu!!!

Tantas são as variantes, que não haveria espaço para reproduzi-las na *Vida Fluminense*, se tal velleidade me passasse pela mente.

Mas não passa, nem passará, mercê de Deus! Por outro lado, o Limpia Trilhos segue rumo diverso. Contra as acusações com poucas provas, responde defendendo sem provas algumas.

Graceja, graceja!

Ri, com esse riso amarelo de homem *enfado* e *enfado* deveras. Falla em maná e mel a *quarenta reis* a medida, em estradas *reformadas*, em republicas e... por ahí alem.

E o melhor é que entende que o director não tem a menor culpa, a menor responsabilidade nos acidentes ocorridos. A menor!!

Que me dizem ao da rabeca?

E assim como o outro que diz: « Eu dirijo, sim, senhor! »

Virijo é verdade! Mas se a cosa *dirigida* vai mal... paciencia! Lavo as mãos como Pi-latos! »

Porém assim era eu capaz de dirigir até... eu sei lá! era capaz de dirigir tudo, inclusive o Sr. Marianno.

Que volta diao as cousas n'este mundo! Quem havia de dizer que na chronica 'deste semanario se leriam uns dia estas palavras:

—Furtado Coelho é um bom, um excellente artista! —

Pois é, não tem que ver!

E não só optimo artista como preinstoso pae de familia, anigo dedicado, maestro perito e cavalheiro distinto.

Para prova ahí está ainda bem fresca na memória de todos a recepção que teve por parte do publico na noite de seu beneficio.

Palmas, bravos, flores, bis, lenços a acenarem, olhos a se humedecerem, entusiasmo, phrenesim... delirio.., e dinheiro.

Houve tudo, tudo a faltar, até espectadores.

Eu, já se sabe, também fui do numero, também applaudi, também *pintei a manta*.

A Sra. Apolonia está que nem a filha entre as duas mães da *Mulher que deita cartas*.

O Heller puxa-a para um lado; o Furtado para o outro.

—E' minha desde hoje!

—Foi minha até hontem.

E' zás para aqui e zás para ali!

Se querem um conselho, e de amigo, ahí vae:

—Fação como Salomão: cortem-a pelo meio, fique cada um com uma das metades e não falemos mais nisso. Lembrem-se que ficarão bem limados se não ouvirem o conselho do

MANÉGO.

O Espelho

O melhor invento, que o engenho humano tem até hoje apresentado, é sem dúvida o espelho.

O uso (e abuso) que delle se faz, de sobra atesta.

O espelho é mais velho do que o chafariz do largo do Paço.

A mulher e as noras de Noé já tinham espelhos, a que se miravam durante o tempo em que a arca andou sobre as águas.

A formosa Judith, antes de degolar Holophernes, paramentou-se ricamente ao espelho, como se fosse para um baile do Cassino.

Cesar, o próprio Cesar, no dia anterior ao do seu maior feito d'armas, fez a barba ao espelho e apresentou-se à frente do seu exército de cara lisa, e bigodinho retorcido.

O espelho reflectindo fielmente a nossa imagem aponta as graças ou defeitos do corpo, como a consciência mostra as bellezas ou fealdades da alma.

O espelho é, por assim dizer, uma *consciência visível*. Dianne delle foge a mentira, e a verdade aparece em toda a sua nudez.

O espelho é como um olho sempre aberto. Vê tudo: nada lhe escapa.

As moças adoram-no com fanatismo, e delle se aproximam frequentemente para ensaiar os movimentos, os olhares, os ademães de que sabem tirar partido na conquista... dos corações... quando são donzelas... ou na da *bolsa*... quando são *cocotes*.

Um *toilette* é para as moças o que uma praça d'armas é para um guerreiro, com a diferença que a mais perigosa das armas, que alli se encontra, é o espelho.

As velhas (aquellas que tem consciencia que o são) aborrecem-no, e evitam-no cuidadosamente.

«Cara de velha não tem que olhar

«Cabeça de bagre não tem que chupar.

Para as moças, o espelho é como a *lympa* que reproduzio a imagem seductora de Narciso.

«Das nymphas o maneche mais amado,

«Por quem Echo queixosainda suspira,

«E que se em pura fonte si não vira

«A vida não perdera em flor mudado.

O espelho para as moças é como um berço; reflecte a mocidade, a beleza, o amor, e a poesia.

Para as velhas o espelho é um tumulo. Esse vídro mágico não é mais do que a sombra de um fantasma, o traductor de um pensamento funebre, o deido misterioso que aponta com escarnio as rugas da velhice, os suicos abertos pela mão do tempo, o vazio das illusões.

Para a mocidade o espelho representa a vida; para a velhice indica a morte!

O espelho é um critico imparcial. Diente delle não brilham as lantejoulas do erro, as apparenças não iludem, a mentira não se mascára.

O espelho é como a espada de Damocles: atterroisa, muitas vezes, no cumulo da alegria.

Na sua presença a dor não se disfarça, nem o prazer se esconde.

A sua nudez é mais eloquente do que Demosthenes.

Convene sem discutir. Responde a todos as interrogações.

Algumas vezes as moças servem-se do espelho com a mesma imprudencia com que a crença brinca com umafaca. Atinai, serem-se.

Ha quem não ame a verdade, e por isso ha também quem não creia no espelho.

Para uma moça que se julga bonita, sendo feia, não há espelho que a convença do contrario. A vaidade traz consigo o desvario.

Surda aos gritos da consciencia, deixa-se levar por um lido engano, que as mais das vezes lhe é fatal.

As feias não querem saber se existe espelho.

O espelho é como um livro aberto onde cada um vai consultar os dotes, que lhe deu a natureza.

Os unicos privados de tal prazer, são os cegos.

Além de todo quanto vai dito, o espelho é um adorno essencial nos salões, onde não só reproduz os objectos que lhe estão proximos como ainda faz repercutir o som dos instrumentos.

No dia em que se quebrar o ultimo espelho a humanidade feminina se cobrirá de luto.

Deos tal não permita!

Assumpto de varias cores.

«Está nas suas tres quintas é uma especie de annexim que costuma applicar-se aos que

O paix dos
ou colleccao de episodios oferecidos aos



Os reis que lá se veneram

Heide levava a gloria!...
(Sonho de todos os jogadores)

Gan



• Decididamente, vou-me embora.

"Per mil reis, não é deshonesto
se perder a fortuna, mas come-
amanhã... mas se ganhar!"

"Volto as costas e
não voltam as f

jogadores.
que gostavam de fumar a onça à sola.



rhci!!!

Um senhor que não deseja
atrair a atenção dos outros

que palinhos! É um
gosto ver como caem
no lago. Malditos ladrões!
Em que estado me
fizeram as algibeiras.



maldito jogo.
fhar me fad.

"Perder" Perder sempre!
Prazer dar com a cabeça
Pelas paredes.

"Não" ha remedio. Vou ansiar
os ultimos 50.000 i para ver se
me desfogo.



gozam de todas as venturas d'este mundo sublunar.

D'onde vem o annexim, e qual a razão delle, isso é que eu não sei. O que não sofre duvida é que a applicação cabe toda interinha d'esta vez ao Dr. Mallet, actual director da sala da rua da Uruguiana, pelas razões que passo a expender.

Chegarão-lhe da Europa seis artistas do sexo fraco, e um artista do sexo forte.

Vieram entre elles :

a falhada Tostée, que, a dar credito aos jornais franceses, é uma das estrelas mais fulgorantes do olympo Offenbachiano;

a rabequista Julia Delapierre, mocinha que tem faiscas nos olhos, fogo no arco, o coração nas cordas, e a alma na caixa do instrumento;

Mademoiselle Adrienne, que, alem de uma vigorosa vocação para o theatro, posse uma d'essas physionomias capazes de matar d'inveja todas as ingenuas passadas, presentes e futuras;

a hebreia Sarah Bezaucar, mulherinha de certo talento para as *soubrettes*, embora seja mais pequena do que Rose Mignon, e deteste o toucado por motivos que o leitor por certo não ignora;

Madame Sarah Dow, cujo talento deve ser enorme.... se estivesse na altura... do corpo;

E o baritono (já se foi o nome) cautor do theatro de Bordeaux, e homenzinho a quem não faltaram até hoje triunhos, pela simples razão de que a natureza, tão avara para com outros, concedeu a este (sem que elle fosse ouvido no negocio) as tres principaes qualidades do cantor —voz, voz, e voz.

Veio ainda uma *estrelinha* de quatorze annos... e... e disse.

Se com tal reforço, escolhido a dedo por mestre Arnaud e contractado sob condições de prego, que estão longe de parecer-se com o estipendio marcado por lei aos empregados do nosso correio, o theatro frances não se levantar do lethargo a que o ia condenando a indiferença do nosso publico, tão avido pela novidade como as crianças pelos bonecos do Grão-Magico, melhor será então votar ao ostracismo tudo quanto cheira a divertimento publico, e divertir-se cada um em sua casa com sua mulher e seus filhos... se não for celibatario.

Uma vez que até agora me tenho ocupado dos que vieram, não mudarei de assumpto sem fallar dos que cá estavam.

Seria injustiça revoltante esquecer a optima exhibição do *Si j'étais roi*, opera de Adam, escripta provavelmente sob o bello céo da Italia e in-

spirada, em relação aos *andantes*, pela musa de Bellini ou Donizetti, e seguir á risca as pizadas do publico, que bem depressa esquece as idolas passadas para se pôr de *cocores* diante dos presentes.

Não; lá isso não farei eu.

E é justamente por não ser capaz de faze-lo que me appresso em registrar aqui o esplendido exito obtido por Mlle Delmary, Martineaux e Puget na opera, que, em beneficio do ultimo, subiu á scena no theatro frances na noite de segunda-feira passada.

Fôr a opera ensaiada com o cuidado preciso a composição d'aquele genero, e dahi resultava um *ensemble* como poucas vezes se tem ouvido em teatros nossos.

A orchestra não só sustentava a mais rigorosa alfaiação, como se mostrava de perfeito accordo entre si, evitando cautelosamente a menor desobediencia á batuta do regente.

Haviam, tambem, os cantores feito um estudo serio e prolongado dos trechos respectivos a cada um delles, e todos porlavam em dar ao trabalho de Adam o relevo, de que elle é digno.

E assim que Mlle. Delmary, conseguiu um triunpho muito superior a outros por ella obtidos n'aquele theatro,—sendo por vezes aplaudida, e chamada á scena no fim do espetáculo,—e que Martineaux e Puget puderam, melhor do que n'outra qualquer peça manifestar sua habilidade artística, mais de acordo com a musica inspirada de Adam, do que com os mil caprichos saltitantes da Offenbach.

Morecem ainda especial menção os córos, executados com certo brio, e a *mise-en-scene*, em que a direcção mostra cada vez mais o zelo que preside aos menores accessórios de seus spectaculos.

Lá se vai para Petropolis a companhia dramatica francesa.

E tem razão de ir-se, porque n'estes mezes do calor só há um atrativo capaz de encher os grandes theatros—os bailes do carnaval.

Fóra delles, é malhar em ferro frio.

Dez spectaculos inteiramente diferentes nos deu a *tróipe* de Mme. Philippe; vinte artistas, entre os quaes avultavam Siniâne, Duplessy, Heymman, Hadamard, Pontis, Brizard, Romeal e Janes, tomaram parte nelles, exhibindo um repertorio escolhíssimo e ao sabor de todos os paladares.

Pois bem, se exceptuarmos uma ou outra representação domingoira, dava-se a empreza por muito feliz quando via na sala, representado por varias cahecinhas de ambos os sexos, o valor correspondente às despesas da noite.

Portanto, faz bem a companhia de subir a serra... de Petropolis, e ir pedir aos que lá se foram refugiar dos ardores do astro diurno a protecção a que, pelo seu incontestável merecimento, tem direito.

Se, exceptão feita do Dr. Mallet, as outras emprezas theatrais não se afetam nas taes *tres quintas* de que fala o annexim, resta-nos a consolação de ver que os *cafés* e hotéis multiplicam-se como por encanto e progridem a olhos vistos.

Dois se inauguraram na semana hoje finda. O primeiro, situado na rua do Ouvidor n.º 52, é propriedade do Sr. Meirelles, homenzinho alegre e rubicundo; e o segundo, no Rocio, canto da rua do Sacramento, onde outr'ora esteve a *Fama do café com leite*, acha-se hoje sob a vigilante guarda de seu actual proprietário, o Sr. Antonio Fortunato do Nascimento.

O café da rua do Ouvidor é um estabelecimento pequeno, onde a par do bom gosto da ornamen-tação, se encontra o que há de melhor em bebidas quentes, frias e geladas; e o do Rocio é casa de maiores proporções renovada a capricho, mobiliada com luxo, e onde não falta causa alguma aos que gostam de trincar uma boa costelleta, jogar uma partida de bilhar, e seguir em seguida o conteúdo de uma chicara de café saboroso, odorífero e assucarado.

Não faltão inaugurações, louvado Deos.

Além das que já apontei nas linhas antecedentes, em breve teremos outra, de um terceiro café, onde se fala, canta e dansa!... em francez.

Já tinhamos theatro lyrico francez, companhia dramática franceza; vem agora também o *café cantante* francez...

Não seria occasião assada para dizer que os francezes tomaram conta da terra?...

E os americanos?...

Esses é que em relação a medicamentos têm posto a arder o juizo dos nossos boticários.

Sabem quantas caixas do *Prompto auxilio* vendeu o Sr. Leite no anno de 1870?

Duzentas e cincoenta e quatro mil!!!

Sabem a quantos vidros de salsa-parrilha de

Ayer deu extração o Sr. Cassels durante o mesmo anno?!

A quinhentos e cincuenta e cinco mil!!

Dividam do que ahi fica dito?

Reparem no semblante carrancudo dos nossos boticários-e verão se minto.

Este semanario deve ao Dr. Augusto Freire da Silva, autor das *Novas de prosodia e orthographia para uso dos a'umnos do Instituto Santista*, quatro palavras: duas de elogio e duas de reconhecimento.

As de elogio limitar-se-hão a dizer-lhe *muito bem* pelo excelente livro que publicou, e que é um verdadeiro tesouro para as nossas escolas.

As de reconhecimento serão apenas *muito obrigado*, pelo exemplar, que tão delicadamente ofereceu a esta redacção.

A, da A.

A memoria de Alvarei d'Azevedo

A morte, não é um sonmo eterno,
pelo contrario, é o começo da imortalidade!

(nonsignatur)

Era um genio! no crânio escandecido
A lava das paixões dentro bramia!

Era um águia que os páramos fendia.
Em busca do impossível! Era um desrido!...

Era o genio do mal! Satan na fronte
O estigma de Byron lhe estampon!
E su'alma no abysmo resvalou
Abrindo no Brazil novo horizonte!

Tinha sangue de mais! Era-lhe a vida
Horrible pesadelo! Amava a glória!
E podera dos tempos na memoria
Seu nome gravar de «Genio suicida»!

Em meio aos hystriões, a liberdade
Tinha em su'alma um culto fervoroso!
No porvir antevia o sol formoso
O Santelmo de luz da mocidade!

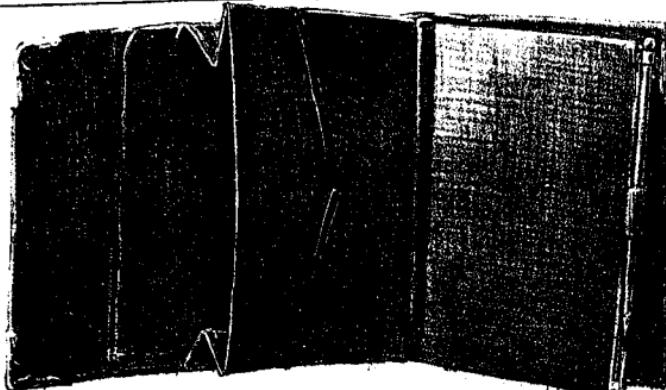
Era a luz do progresso! O povo escravo,
Remordia os grillões do despotismo!
O quadro do passado, o tórvo abysmo,
Chamava-o lidador, poeta e bravo!

Dorme canior! A mocidade chora
Sobre a lousa que guarda os restos teus!
Tua morte precoce ella deplora
Porque o genio, poeta, é quasi Deos!

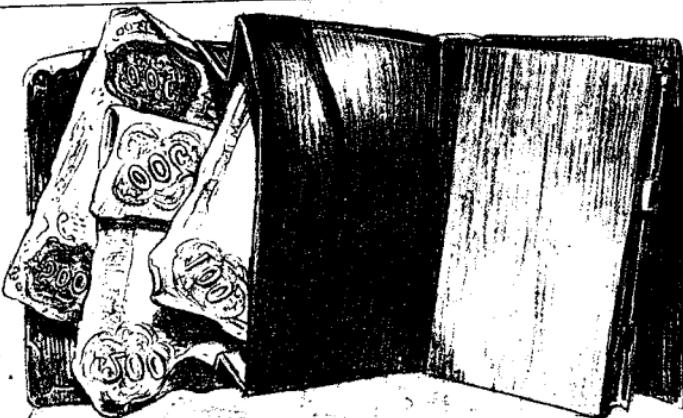
Pereira Rôdas.

Typ do J. M. A. A. d'Aguilar, rua da Ajuda n.º 106.

*Boletim da carteira fluminense.
autenticado pela Junta dos corredores.*



*No dia 7 de Janeiro de 1842
(Depois das festas)*



*No dia 31 de Dezembro de 1841.
(Antes das festas)*